

Ensino humanístico x Ensino profissionalizante em três textos de Gramsci

Zama Caixeta Nascentes

Resumo

A relação entre ensino humanístico e ensino profissionalizante em Gramsci não é um ponto tranquilo. Qualquer simplificação reducionista que insista somente num desses aspectos trairá os textos com os quais nos ocuparemos aqui. Tomaremos *A escola do trabalho*, *A escola e a oficina* e *Homens ou máquinas?*, publicados, respectivamente, em 18/07, 08/09 e 24/12/1916 no jornal italiano *Avanti!*. Se a nova LDB acendeu novamente as discussões entre ensino humanístico e ensino profissionalizante, e mais que a LDB, as modificações introduzidas pelo governo federal no Ensino Técnico, a leitura dos textos de Gramsci mostrará que a polêmica já era travada na Itália do começo do século.

INTRODUÇÃO

O filósofo italiano Antônio Gramsci integra o chamado marxismo ocidental, movimento da filosofia ocidental que a partir do legado marxista buscará analisar fenômenos complexos da sociedade capitalista, numa tentativa de salvaguardar o método dialético mesmo após a derrota das esquerdas européias no século XX e a inviabilidade de uma revolução proletária. Como fracassou a revolução houve uma necessidade de demonstrar que o marxismo não soçobrará pois o método dialético permanecia válido para a interpretação de fenômenos do capitalismo vitorioso.

Gramsci ficou conhecido pelo caráter peculiar de sua produção filosófica. Perseguido pelo regime fascista de Mussolini por integrar o Partido Comunista Italiano, foi preso e nas sombras do cárcere produziu boa parte de seus escritos filosóficos, muitos deles cartas e textos esporádicos que, embora não apresentem o caráter sistemático das obras clássicas da filosofia ocidental, testemunham a argúcia e a profundidade de suas reflexões.

Não é pretensão nossa apresentar aqui os aspectos gerais do pensamento gramsciano. Isto exigiria muito mais tempo e espaço. Interessá-

nos apenas a relação entre ensino humanístico e ensino profissionalizante que emerge de *A escola do trabalho*, *A escola e a oficina* e *Homens ou máquinas?*. Demonstraremos a unidade entre os três textos e a inexistência de contradição entre o humanismo e a profissionalização no pensamento de Gramsci veiculado nos escritos que ora são nosso objeto de estudo.

1. A ESCOLA DO TRABALHO

Em *A escola do trabalho*, a atenção de Gramsci concentra-se, como nô-lo sugere o próprio título, na “escola do trabalho”; portanto, no ensino profissionalizante. O filósofo se volta contra a excessiva atenção dada na Itália ao ensino humanístico, em detrimento do profissionalizante:

“existe uma desproporção enorme em nosso país entre a massa dos discentes das artes liberais e os alunos da arte da produção do trabalho (...) O Estado (...) só dirigiu a sua atenção a criar (...) uma legião de advogados, médicos, empregados com o diploma médio ou técnico...”

Os termos “artes liberais” e “arte da produção” equivalem a ensino humanístico e ensino profissionalizante, respectivamente. Haveria aqui uma condenação de Gramsci ao ensino humanístico em si? Seria ele então favorável a um ensino me-

ramente profissionalizante que prescindia de cultura geral, como o quer o governo federal ao extinguir o atual modelo cefetiano de 2º grau? A resposta a tais questões é negativa. Se voltarmos à citação anterior depararemos com a seguinte construção: “*desproporção enorme em nosso país*”. Ora, tal enunciado precisa bem o referente em torno do qual gravita o texto gramsciano: não o ensino humanístico em si, mas **a desproporção enorme em nosso país**. Três determinações portanto:

1 – **Desproporção**: accidentalidade, não mais o em-si; ou seja, a crítica não se volta para o ensino humanístico enquanto tal, mas à configuração assumida por ele no panorama educacional da Itália da época de Gramsci. O problema não está neste tipo de ensino, mas na forma como ele foi estruturado e conduzido.

2 – **Enorme**: Reforça a tese de que a crítica de Gramsci não é dirigida ao ensino humanístico em si, mas sim à desproporção. De fato, não se trata de uma desproporção qualquer, mas de uma enorme. Embora estejamos lidando com uma tradução do texto gramsciano, é necessário estarmos atentos aos determinantes com os quais o filósofo vai construindo o seu texto.

3 – **Em nosso país**: nova accidentalidade, agora de ordem espacial. A crítica de Gramsci tem um objeto bem delimitado: a situação do ensino na Itália. Embora filósofo, e a Filosofia tem por marca a reflexão totalizadora, ele está aqui problematizando uma questão bem particularizada. Não se pode, pois, fazer vista grossa à expressão “em nosso país” e afirmar que Gramsci é contra o ensino humanístico. Verdade é que a supervalorização deste ensino no começo do século não era um problema só da Itália. Pensemos na educação brasileira da Primeira República: a ênfase recaía exatamente sobre a cultura geral, visto que a Igreja Católica praticamente detinha o monopólio das escolas e para essa instituição, mormente a Companhia de Jesus, educação era sinônimo de ensino humanístico, não havendo espaço para “os alunos da arte da produção do trabalho”. Aliás, nem poderia haver, pois o Brasil permanecia na mesma estrutura agrária da colônia e do império que prescindia de um ensino de matriz profissionalizante: tinha o escravo como força de trabalho.

É necessário insistir, portanto, que Gramsci não é contra o ensino humanístico em si. Sua crítica é à desproporção enorme existente em sua

Itália entre ensino humanístico (“artes liberais”) e ensino profissionalizante (“arte da produção do trabalho”). Esta desproporção é seguidamente ratificada pelo filósofo:

“A escola do trabalho tem sido sacrificada à escola do emprego.(...) Na Itália falta a escola do trabalho.”

Também em *A escola e a oficina* isto será reiterado:

“Se diz que na Itália, e nós também o temos afirmado (...) se deu demasiada importância à escola do saber desinteressado enquanto se descuidou da escola do trabalho.”

Fica, pois, justificada a exaltação gramsciana à escola do trabalho no texto homônimo. A análise dos outros textos mostrará que o filósofo não se opõe ao ensino humanístico enquanto tal: continuará insistindo na profissionalização, mas destacará também a necessidade da cultura humanística para o aluno “formando-o (...) como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem o dirige.”⁽¹⁾. Ora, se é a cultura humanística que capacita o aluno para pensar, estudar, dirigir ou controlar quem o dirige, qual é a intenção da reforma do Ensino Técnico ao desvincular a cultura geral da parte profissionalizante?

2. A ESCOLA E A OFICINA

Em *A escola e a oficina* Gramsci lida com uma hipótese: um modelo educacional misto que busque superar a rígida dicotomia escola-oficina, ou seja, ensino humanístico x ensino profissionalizante. Tal hipótese inspira-se no sistema educacional inglês:

“É a Inglaterra que dá o modelo para esta hipótese.”

Ao deixar o terreno da hipótese para analisar a educação italiana da época, Gramsci opõe-se categoricamente à política educacional de seu país no que diz respeito às relações entre escola e oficina: l

(1) Cf. GRAMSCI: *Os intelectuais e a organização da cultura*, Rio, Civilização Brasileira, 1978, pág. 136.

“Inseri-las (escola e oficina) uma na outra, assim como se está fazendo, é uma das muitas aberrações pedagógicas que sempre impediram a escola italiana de ser algo sério.”

Da mesma forma que em *A escola do trabalho* Gramsci não se opunha ao ensino humanístico em si, mas sim à desproporção enorme entre este e o ensino profissionalizante; também aqui, em *A escola e a oficina*, ele não está fazendo oposição a uma pedagogia que mescle “a escola e a oficina”, numa tentativa de superar o dualismo humanismo-profissionalização: opõe-se ao modo “como se está fazendo” esta mescla.

Quando analisamos *A escola do trabalho* insistimos seguidamente no fato de aquele texto não nos permitir afirmar que Gramsci é contra o ensino humanístico, a despeito de toda a exaltação que lá fazia da escola do trabalho. Ora, ao ler *A escola e a oficina* percebemos que o ensino humanístico tem espaço na filosofia gramsciana da educação. Com efeito, se ele postula uma experiência pedagógica capaz de mesclar escola e oficina é porque não despreza a primeira enquanto encarnação do ensino humanístico. Neste segundo texto de Gramsci não vemos ainda uma referência direta à importância da cultura humanística na profissionalização do proletariado. Gramsci fará isto no texto *Homens ou oficinas?*

3. HOMENS OU MÁQUINAS?

Nota-se que o título é uma interrogação. A partir da leitura dos dois outros textos podemos arriscar uma resposta: homens; ou seja, ao passar pela escola do trabalho o proletário deve tornar-se homem e não máquina, sendo a cultura geral a responsável por este humanizar-se. Mas, vamos ao texto gramsciano:

Na Itália, a escola continua sendo um organismo francamente burguês, no pior sentido da palavra. A escola média e superior (...) só pode ser freqüentada por jovens filhos da burguesia (...) Um proletário, ainda que inteligente e possuidor de todos os elementos necessários para se tornar um homem de cultura, é obrigado a desperdiçar as suas qualidades em atividade divesa, ou a tornar-se um resistente (refratário), um autodidata, isto é, (...) um meio homem, um homem que não pode dar tudo o que estaria ao seu alcance se estivesse completado e fortalecido na disciplina da

escola. A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que seja assim.

Aqui neste texto o termo *escola* está para ensino humanístico. Empregá-lo-emos ao longo da nossa análise com tal traço semântico. Seu oposto seria, com base nos textos gramscianos aqui já analisados, *oficina*.

Diferentemente de *A escola do trabalho* e *A escola e a oficina*, aqui em *Homens ou máquinas?* a defesa do ensino humanístico é patente. De fato, em meio à crítica gramsciana ao caráter elitista e burguês da escola italiana, encontramos tal defesa quando nos é apresentada a consequência para o proletariado do seu alijamento da escola, a saber: tornar-se “um meio homem”. Meio homem: esta expressão é importante para compreendermos o lugar do ensino humanístico na filosofia gramsciana da educação, ou seja, a relação deste com o ensino profissionalizante.

Se elitizar a escola, afastando dela o proletariado, acarreta um fracionamento do ser deste, tornando-o “um meio homem”, isto significa que a função da escola (leia-se: do ensino humanístico) é formar o homem por inteiro; o que, aliás, faz eco à afirmação de Gramsci em *Investigações para o Princípio Educativo*, um dos capítulos de *Os intelectuais e a organização da cultura*, já analisada aqui. É óbvio. Só que esse óbvio tem implicações profundas. Gramsci ainda não disse textualmente que o ensino humanístico é necessário por essa razão. Isso será feito posteriormente. Todavia, aqui está subentendido. Mas, vamos às “implicações profundas” para percebermos que Gramsci:

1 – Não advoga um ensino exclusivamente profissionalizante, como poderia dar a entender *A escola do trabalho*.

2 – Exige que a educação para o proletariado leve em consideração o trabalho. Porém, não deve parar aí: há que dar ao proletariado também formação humanística para formá-lo por inteiro.

Na seqüência de *Homens ou máquinas?* Gramsci formulará então sua defesa do ensino humanístico para o proletariado. Nos textos anteriores isso estava apenas latente, tornando-se agora explícito:

“Ao proletariado é necessária uma escola desinteressada.”

Aparece aqui a expressão “escola desinteressada”, que nos remete a “escola do saber desinteressado” de *A escola e a oficina*. Nos dois textos a expressão é empregada em oposição a “es-

cola do trabalho” (*A escola e a oficina*) e “escolas colaterais: técnicas e profissionais” (*Homens ou máquinas?*). Efetivamente, se voltarmos a esse último texto no parágrafo que antecede o trecho por nós aqui citado, encontraremos a referência de Gramsci às escolas técnicas e profissionais como escolas de qualidade inferior para onde “deve ser atirado o proletariado”. Assim sendo, ao empregar a expressão “escola desinteressada” Gramsci está falando da escola ministradora do ensino humanístico à qual só têm acesso os alunos provenientes da burguesia. Contra tal situação (elitização) se volta o filósofo, defendendo a necessidade de também o proletariado ter acesso a essa escola. Por que é necessária esta democratização do acesso? A resposta é apresentada a seguir:

“Uma escola em que seja dada à criança a possibilidade de formar-se, de tornar homem, de adquirir os princípios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter.”

Na justificativa Gramsci defende que “seja dada à criança a possibilidade de”, citando em seguida quais são estas possibilidades que devem ser oferecidas à criança proletária:

1 – **Formar-se:** enquanto a “escola do trabalho” forma o técnico em X, Y ou Z, a função da escola desinteressada é formar o aluno enquanto homem e cidadão; torná-lo antes de mais nada homem plenamente, com o “desenvolvimento de todas as suas potencialidades”, conforme rezava a lei 5691/71 ao enunciar os objetivos gerais da educação nacional.

2 – **Tornar-se homem:** se lembrarmos que o título do texto gramsciano é uma interrogativa, *Homens ou máquinas?*, perceberemos estar diante da questão central pois o autor se posiciona frente ao problema por ele mesmo levantado. Como já sabemos, Gramsci não é favorável a uma profissionalização maciça e massificante à 5692/71. Opõe-se, portanto, à mecanização do homem, sua redução ao mero fazer sem refletir sobre esse fazer. Assim sendo, diante da indagação - homens ou máquinas? - já sabemos a resposta de Gramsci: **homens**. E é por fazer essa opção que defende o ensino humanístico; somente a cultura humanística pode livrar o homem de uma automação cega.

A expressão “se tornar homem” está para “meio homem”. Assim, só compreenderemos a sua significação se resgatarmos esta; procedendo deste modo constataremos que Gramsci está afirmando o seguinte:

1 – O proletariado não pode ser reduzido a máquina: sua hombridade deve ser preservada (ou resgatada, caso já tenha sido perdida);

2 – A “escola desinteressada” é a única capaz de garantir tal hombridade; logo:

3 – “Ao proletariado é necessária uma escola desinteressada.”

Posto isso, voltaremos à terceira e última possibilidade que deve ser oferecida à criança proletária:

3 – **“Adquirir os princípios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter”:** uma educação para o proletário não pode se resumir apenas a alguns “princípios específicos” para a execução de tarefas mecânicas específicas. Isso implicaria torná-lo “meio homem” apenas. Gramsci defende e reivindica para o proletariado uma educação que o torne homem por inteiro. Daí insistir aqui no “desenvolvimento do caráter”, não simplesmente no desenvolvimento de habilidades técnicas, manuais, mecânicas.

Dissemos antes que em *Homens ou máquinas?* O filósofo tornaria patente sua defesa do ensino humanístico, nomeando-o textualmente. Se nos excertos anteriores isso já era feito, Gramsci agora o faz de modo mais contundente:

“Uma escola humanística, em suma, como o entendiam os antigos e os mais recentes homens do Renascimento.”

Nos textos que analisamos antes, a expressão “escola humanista” não fora empregada nem uma vez. Da mesma forma “ensino humanístico”. Havia, sim, expressões correlatas, quais sejam: “artes liberais”, “escola”, “escola do saber desinteressado”, “escola desinteressada”. Considerando-se a datação dos textos, 18/07, 08/09 e 24/12/1916, respectivamente *A escola do trabalho*, *A escola e a oficina* e *Homens ou máquinas?*, percebe-se que neles a temática do ensino humanístico é abordada de modo crescente, culminando com a referência direta à “escola humanista”, precedida por um “em suma” sintetizador do que antes fora dito veladamente sobre tal variante do ensino.

Na seqüência de *Homens ou máquinas?*, Gramsci continua desenvolvendo argumentos que justificam sua afirmação:

“Ao proletariado é necessária uma escola desinteressada.”

A argumentação insistirá na necessidade de se formar integralmente o operário, evitando sua mecanização, automação; enfim, sua desumanização:

“Uma escola que não hipoteque o futuro da criança, e não obrigue a sua vontade, a sua inteligência, a sua consciência em formação a mover-se num sentido preestabelecido. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de escravidão e mecanicidade (...) A escola profissional não deve tornar-se uma incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos para uma profissão, sem alma, somente com um golpe de vista infalível e a mão firme. Mesmo através da cultura profissional se pode transformar a criança em homem, contanto que seja cultura educativa e não apenas informativa ou prática manual.

O tom aqui é contundente. A argumentação torna-se veloz, esmagadora. Imagens fortes são construídas: “escola da escravidão”, “incubadora de pequenos monstros”. Gramsci faz uma apologia da escola humanista socializada, isto é, não elitizada, destinada também às crianças proletárias. Cerceamento da vontade, da inteligência e da consciência em formação do proletariado; “escola da escravidão e mecanicidade”, “incubadora de pequenos monstros”; “cultura informativa”, “prática manual”: eis aí algumas das determinações que Gramsci atribui às escolas que em sua época eram destinadas ao proletariado. É contra isso que se volta a verve do filósofo. O ensino humanístico ocupa assim lugar de destaque na filosofia gramsciana da educação, não obstante em *A escola do trabalho* tenha insistido na necessidade do ensino profissionalizante. Assim, aquele ensino humanístico que aqui aparecia como “artes liberais”, ao qual tinha acesso a burguesia (“o Estado só dirigiu a sua atenção a criar uma legião de advogados, médicos...”) agora é reivindicado também para o proletariado, juntamente com a sua profissionalização.

O ensino humanístico não pode ser privilégio só da classe burguesa pois é ele que capacita o indivíduo para pensar. A preocupação com a qualificação para o trabalho é legítima e o próprio Gramsci assinala isto em *A escola do trabalho*. Todavia, esta mesma legitimidade não pode ser usada como desculpa para interditar o acesso do trabalhador à cultura geral: esse interdito im-

pede-o, para usarmos os termos gramscianos, de ser homem por inteiro. Ora, mais do que nunca o mercado de trabalho está a exigir trabalhadores formados integralmente. Por conseguinte, dizer que a qualificação para o trabalho dispensa formação humanística é, no mínimo, uma contradição em termos, quiçá um anacronismo eivado de intenções colonialistas.

CONCLUSÃO

Da análise dos três textos de Gramsci aqui considerados depreende-se que nele a relação entre ensino humanístico e ensino profissionalizante não se dá de modo tranquilo, ou seja, ora o filósofo concentra sua atenção no primeiro (*Homens ou máquinas?*), ora no segundo (*A escola do trabalho*), o que se explica pelo caráter jornalístico dos mesmos. De fato, nenhum deles é um “tratado”, “investigação” ou “crítica” (para ficarmos só no âmbito das obras clássicas da filosofia moderna) das relações entre aquelas variantes de ensino. Não podemos, pois, exigir desses textos, isoladamente, o rigor e a sistematicidade das obras filosóficas clássicas. Daí a necessidade de buscar num texto as ressonâncias de outro. Sem isso mutilaremos o pensamento de Gramsci.

Especificamente da relação entre aquelas duas variantes de ensino, Gramsci ensaia em *A escola e a oficina* uma proposta pedagógica que supere o dualismo e evite a “aberração pedagógica da escola italiana”, cuja marca é a inserção da escola na oficina e vice-versa. Todavia, tal proposta pedagógica não fica suficientemente clara nos textos aqui analisados, nos quais Gramsci não é por nenhum dos extremos.

Se os extremos devem ser evitados, a nova LDB e as alterações introduzidas no Ensino Técnico, no que diz respeito à cisão entre profissionalização e educação geral, é a opção pelos extremos que Gramsci procurou evitar. Estaremos caminhando para uma aberração pedagógica?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978

NOTA: Os três textos de Gramsci aqui analisados já foram traduzidos para o português; todavia, permanecem inéditos.